

Hospital de Base apura negligência

DF-Saúde

Médico suspende cirurgia em garota de 2 anos, já anestesiada, por falta de aparelho

Eliane Trindade

A direção do Hospital de Base instaurou ontem sindicância interna para apurar as circunstâncias da suspensão da cirurgia na garota Maiana Rodrigues Ferreira, 2 anos, que chegou inclusive a ser anestesiada. O motivo alegado pelo médico para interromper o ato cirúrgico foi a falta de um aparelho, o **stapler** usado para sutura. "O problema não ocorreu por falta de dinheiro, mas por falha do médico, que esqueceu de verificar se havia o aparelho antes de entrar no centro cirúrgico", assegurou o diretor do HBDF, Mauro Guimaraens.

O diretor qualificou a negligência do médico de "inaceitável", principalmente por submeter a paciente a um risco desnecessário de uma anestesia geral. O que aconteceu na sala de cirurgia ainda é uma incógnita para a família de Maiana. O pai da garota, Gilmar Ferreira Borges, denunciou a suspensão da cirurgia e está à espera de maiores esclarecimentos. Hoje, ele finalmente vai se encontrar com os médicos, com os quais não teve nenhum contato desde segunda-feira, quando ficou sabendo que a filha não havia sido operada.

Congênito

Gilmar Ferreira se diz ansioso para que seja marcada nova data da cirurgia, temendo deixar a filha por mais tempo no hospital, "correndo risco de contrair infecções". Maiana tem um distúrbio congênito no intestino, já foi operada no HBDF há seis meses e necessita de uma colostomia — cirurgia para refazer o canal do reto —, o que lhe permitirá evacuar normalmente. O diretor do HBDF assegura que Maiana será operada ainda esta semana, em horário e dia a serem definidos pelo chefe da Unidade de Cirurgia Pediátrica.

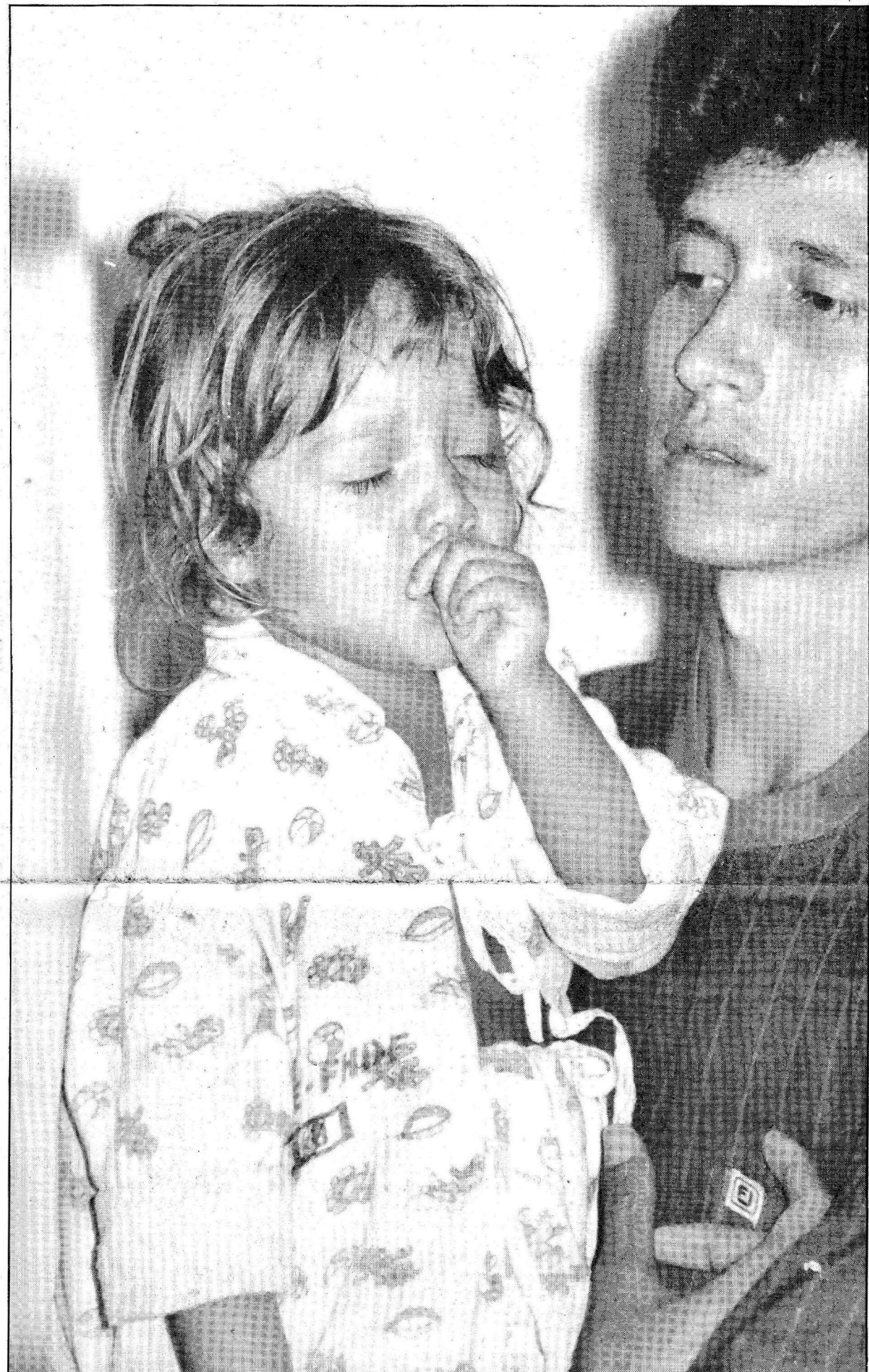
Gilmar não sabe qual o médico designado inicialmente para fazer a cirurgia da filha, nem faz restrições à equipe anterior. Ele reclamou da atitude do cirurgião que não deu qualquer satisfação aos familiares da paciente. Gilmar se preocupa também com o fato de Maiana ter que se preparar para a colostomia outra vez. "Ela passou três dias sem comer e sem beber, preparando-se para ser operada na segunda-feira e vai ter que passar por tudo de novo", salientou.

Tradicional

A direção do HBDF preferiu não divulgar o nome do cirurgião,

identificando-o apenas como subchefe da Unidade de Cirurgia Pediátrica, que trabalha há 20 anos no hospital. O parecer da sindicância será encaminhado à Comissão de Ética Médica e o cirurgião será julgado pelo Conselho Regional de Medicina, procedimento de rotina em todas as denúncias que envolvam a conduta de médicos do HBDF, segundo Guimaraens. No caso, estará em julgamento "o esquecimento" do cirurgião em checar os instrumentos cirúrgicos com antecedência.

A falta do **stapler** foi ocasional, de acordo com o diretor do HBDF. Ele explica que o aparelho é descartável e é fornecido em consignação ao hospital pela DIP, empresa de produtos hospitalares, que recebe diretamente do Inamps. Cada aparelho custa Cr\$ 1 milhão. Guimaraens disse que o cirurgião poderia ter realizado a cirurgia de Maiana sem o **stapler**, mas "preferiu não fazê-la pelo método tradicional que é mais doloroso e a recuperação mais lenta". O gerente da DIP, Renir Piva, também assegura que o médico poderia ter feito a sutura manual. "Até há pouco tempo não se usava o aparelho, que é uma espécie de grampeador e abrevia o tempo de cirurgia", descreveu.



No colo do pai, Maiana, que tem distúrbio congênito no intestino, deve ser operada esta semana